

# “Não é só o gênero que é socialmente construído, o sexo biológico também”, afirma pesquisadora

**(Revista AzMina, 02/05/2016)** Uma das maiores pesquisadoras da relação entre biologia, linguagem e cultura do mundo, Anne Fausto-Sterling comenta como médicos usam critérios culturalmente construídos para adequar o corpo de bebês

O pensamento da bióloga americana Anne Fausto-Sterling, autora do polêmico e celebrado artigo “Os cinco sexos”, está na vanguarda absoluta tanto da medicina quanto das ciências sociais. Mas como seria possível uma coisa dessas? É que Anne sugere que antiga divisão absoluta que fazíamos de gênero (uma construção social sobre o que significa ser mulher ou homem) e sexo (características biológicas do corpo) está ultrapassada. E que as ciências biológicas e sociais têm que começar a trabalhar juntas para pensar o conceito sexo/gênero, como duas coisas inseparáveis, faces da mesma moeda.

## **Leia mais:**

[Com o sexo dos anjos \(Revista AzMina, 02/05/2016\)](#)

[“Dizer que ser feminina é isso ou aquilo é reduzir as mulheres”, afirma a modelo transexual Carol Marra \(Revista AzMina, 02/05/2016\)](#)

Essa ideia é principalmente inspirada na análise que Anne faz das pessoas intersexo (antigamente chamadas hermafroditas) e como os médicos têm pressa em adequar seus corpos cirurgicamente, ainda bebês, às identidades de gênero consideradas aceitáveis em uma determinada cultura, mesmo que essas pessoas sejam perfeitamente saudáveis como a natureza os fez. Não seria esse um indício de que até a biologia se curva a um conceito artificialmente criado de que só existem dois sexos na natureza, um masculino e um feminino?

Conheça mais sobre o ponto de vista de Anne no bate-papo que ela teve com AzMina.

**Em seus livros você argumenta que também existe muito de construção social na atribuição do sexo biológico, assim como há no gênero. Devíamos, então, em sua opinião, abolir de vez a divisão e dizer que o que existe é apenas o sexo e o sexo já imbuir conceitos socialmente construídos?**

Essa é uma pergunta difícil. Eu tendo a mesclar os conceitos, mas não da maneira que você sugeriu. Em meu livro mais recente (Sex/Gender: Biology in a Social World - Sexo/Gênero: Biologia em um Mundo Social), eu combinei os termos para criar o conceito sexo/gênero. Cada um deles é um dos lados de uma mesma moeda. Não conseguiremos separar uma coisa da outra, elas estão interligadas. Em qual devemos focar nossas atenções? Depende do contexto.

**Deveríamos deixar de falar de gênero e de sexo para que eles deixem de importar na hora de criar desigualdades?**

Não. Criei o conceito dos cinco sexos (para se referir aos genótipos XX, XY, XXY, XXX e XYY) de maneira irônica, para que nós paremos de pensar de maneira binária (como se só existissem homens e mulheres), mas não acho que devemos deixar de buscar palavras para falar de sexos.

Não podemos fazer os gêneros desaparecerem simplesmente fingindo que eles não existem.

### **Então, como a linguagem pode se adaptar para ser mais inclusiva?**

Não há uma solução única, é preciso considerar cada contexto individualmente. Acredito que se estivermos falando sobre diferenças de salários, por exemplo, podemos até tentar igualar o discurso, mas precisaremos de categorias para medir a desigualdade. O mesmo problema se passa com a raça. Vemos que existe injustiça racial, mas para medir o tamanho dessa desigualdade, temos falar dela, encontrar onde está concentrada, mesmo que isso signifique usar categorias que não existem, na realidade, na biologia, e sejam apenas construções sociais.

A linguagem que usamos tem que ser específica ao conteúdo de que estamos falando. Em alguns casos fará sentido falar de gênero (ou raça), em outros, esses conceitos devem ser evitados.

### **Como podemos falar de pessoas intersexo sem cair na “abordagem do bizarro” que se dá ao tema, com respeito e aceitação?**

Temos que falar da frequência em que isso ocorre e relacionar a outras coisas que as pessoas vêem, já que andamos com nossas genitais cobertas.

Todo mundo lembra de já ter visto um albino, por exemplo, e albinos são menos comuns do que intersexuais. A gente não nota porque essas coisas ficam escondidas, mas estão aí.

### **Se adaptarmos nossa linguagem para incluir mais e mais sexos e mais e mais identidades de gênero, você acredita que, um dia, as categorias serão tantas que, simplesmente, deixarão de fazer sentido?**

Pode caminhar para este lado, mas acho que a questão reprodutiva sempre será importante na definição do vocabulário e da discussão.

### **Em sua opinião, as descobertas recentes da medicina vão nos ajudar a sermos mais tolerantes com a maneira como as pessoas expressam seu gênero socialmente?**

Não sei, mas tendo a acreditar no oposto: quanto mais celebrarmos, culturalmente, a diversidade sexual humana, mais o mundo médico e biológico vai reconhecer essas diferenças e tratar delas.

Argumentos biológicos têm sido usados como um artifício da intolerância. Movimentos sociais, por sua vez, tem sido grandes propagadores da aceitação.

### **É possível ser uma bióloga e uma feminista ao mesmo tempo?**

Eu sou. (risos)

**Muitas pessoas, talvez a maioria delas, nunca sequer ouviram falar de pessoas intersexo, mesmo que isso seja perfeitamente natural. E nem sequer demos nomes a esses diversos tipos de identidades sexuais contidos dentro desse conceito. Não**

## **deveríamos fazer isso?**

Na literatura médica, esse debate já vem se desenvolvendo há um século e meio mais ou menos! Há uma história complexa sobre como decidimos quem pertence a cada categoria, quem é um verdadeiro hermafrodita, e etc. Não é como se tivéssemos de repente, do nada, decidido falar sobre isso. A questão é como devemos usar essas categorias hoje.

Isso é parte de uma disputa política acirrada entre usar o termo intersexual ou nomes de síndromes específicas que foram aceitas no linguajar médico até hoje, os chamados “distúrbios do desenvolvimento sexual”. Eu uso o nome intersexo, como muitas pessoas a quem a ideia de distúrbios desagradava muito. As pessoas intersexo que defendem essa posição querem ser capazes de se posicionar em uma categoria que garanta direitos políticos específicos (como registrar-se sem ter que se enquadrar entre homem ou mulher ao nascer).

Por outro lado, os conceitos de distúrbios servem para pessoas que querem receber determinados tratamentos médicos e, para isso, é necessário saber qual o tipo específico de sexo desta pessoa. Intersexual é uma categoria ampla que inclui diversos tipos de pessoas, as síndromes não.

## **Não deveríamos, de fato, deixar de falar em “distúrbios” para nos referir a pessoas perfeitamente saudáveis que apenas têm constituições físicas pouco comuns?**

Não acho que devemos resumir a “isso é um distúrbio”, é apenas uma variação biológica.

No ponto de vista de quem considera que existem tipos “normais” de corpos a que aspirar, isso será uma desordem. Mas essa visão é problemática porque nos faz questionar uma série de outras características sexuais, por exemplo, existe um tamanho “normal” de seios e outros tamanhos não-naturais? Quem decide se pessoas que não têm nenhum seio ou seios enormes sofrem de alguma síndrome? Há muitas variáveis para as características sexuais dos indivíduos. E a ideia de distúrbio não nos ajuda muito, em minha opinião, a não ser na hora de pensar tratamentos médicos, para quem escolher fazê-los. Mas aí trata-se de uma escolha tática.

## **O termo hermafrodita é ofensivo?**

O Movimento Intersexo acha que sim, porque é um termo antiquado e estereotípico, e o rejeitou. E eu acredito que temos que respeitar a posição de movimentos políticos, o que eles devem ser chamados é escolha deles.

## **Algumas mulheres transexuais no Brasil têm optado por não fazer a cirurgia genital de mudança de sexo pois não querem perder a sensibilidade e a capacidade de atingir um orgasmo. No caso das pessoas intersexo, se passa o mesmo? Existe algum tipo de regra médica para quando as pessoas devem ou não fazer cirurgias de “adequação”?**

Toda vez que você faz uma cirurgia genital, há algum tipo de perda de sensação. Mas, em alguns casos, as genitálias são tão atrofiadas que tornam impossível urinar sem intoxicar o corpo. Nesses casos é preciso intervenção médica para que a pessoa consiga sobreviver. Mas a maioria das pessoas não se encaixam nesses casos. Para mim e para a maioria dos membros do

movimento intersexo, não devemos fazer cirurgias em crianças pequenas a não ser que seja medicamente necessário.

A questão de como seu corpo deveria ser para expressar como você se sente por dentro pode ser adiada até a adolescência ou a vida adulta, quando a pessoa pode decidir por si mesma.

Por diversas razões: 1) você ainda não sabe qual o gênero desta criança será e pode cometer um grave erro; 2) essa devia ser uma escolha do indivíduo.

**Sobre a certidão de nascimento, em sua opinião, a solução encontrada pela Alemanha, de incluir um terceiro sexo para registro, é positiva?**

Essa é uma solução possível. Mas é preciso que a criança possa modificá-la se sentir a necessidade mais adiante. Os pais, com a ajuda de especialistas, têm que aceitar que seu filho ou filha não teve o sexo determinado ao nascer e tomar decisões condizentes de como criá-la, ouvindo à criança o tempo todo. Não estou dizendo que é uma decisão fácil, mas outros pais enfrentam situações similares com crianças que nasceram com outras características incomuns.

**Todo o argumento conservador contra gays gira em torno de ser um comportamento “não-natural”. Já no caso das pessoas intersexo, trata-se de uma condição inegavelmente natural, já que a natureza os fez assim e a maioria deles é saudável. Porque, historicamente, não criamos categorias socialmente aceitas para essas pessoas como criamos para homens e mulheres?**

Eu nem saberia responder a isso. Mas alguns países têm categorias históricas, sim, curiosamente, a maioria deles fica na Ásia. Há também comunidades indígenas nos Estados Unidos que também têm um terceiro sexo. Mas a nossa tradição europeia-ocidental, não.

**No ano passado, a maior Parada LGBT do Brasil adotou o lema “Eu nasci assim, eu cresci assim, vou ser sempre assim: respeitem-me!”. Há a sensação de que o argumento do “nasci assim” é usado para naturalizar orientações sexuais, fazendo que pessoas que usam argumentos biológicos as aceitem, já que é mais fácil aceitar uma condição natural do que uma escolha. Como se “nascer assim” fosse mais digno do que “escolher ser feliz assim”. Mas isso não é negativo no longo prazo? A escolha sexual não deveria ser tão respeitada quanto as inclinações naturais que temos?**

O debate não pode se estruturar em torno da escolha, há uma diferença entre escolha e orientação sexual. Quando falamos de escolha, nos remete a ideia de entrarmos em um restaurante e decidirmos se queremos salada ou batata frita com nosso hambúrguer. A sexualidade humana não é assim. As pessoas não entendem o desenvolvimento de sua sexualidade dessa maneira. Não é como se acordassem um dia e dissessem “Ah! Hoje decidi que serei heterossexual!”.

Entendemos que a sexualidade, na maioria das pessoas, é bem estável, ela não sofre alterações ao longo da vida. Mudá-la é muito improvável e aí já entramos na polêmica discussão em torno da “cura gay”.

Não se trata apenas de escolha, mas de uma formação extremamente complexa e estável de nossa psique.

E não estou falando apenas de gays, mas todos os espectros da sexualidade humana, inclusive a heterossexual, eles também não optam por isso.

**Mas a fluidez também faz parte da sexualidade humana, não? Existem muitas pessoas que se consideraram heterossexuais sua vida toda e, de repente, amam e desejam uma pessoa do mesmo sexo.**

Isso é verdade. Há fluidez durante o ciclo de vida das pessoas, mas algumas são mais fluidas que outras. Isso é algo que ainda precisamos entender, já percebemos isso no mundo, mas ainda não entendemos como se dá. De onde isso vem? Não sabemos. Só sabemos que a palavra “escolha” não serve à grandiosidade deste debate intelectual.

**Que direitos ainda precisamos oferecer às pessoas intersexo para que vivam uma vida plena?**

Algo no estilo do terceiro sexo deveria estar disponível em todos os documentos existentes, para que ninguém tenha que se forçar a ser homem ou mulher. A educação sexual também é importante. Devíamos falar disso logo na infância, na primeira vez em que tratamos o tema sexo, mas com um nível de maturidade apropriado para cada faixa etária. Não precisamos falar de camisinha com crianças de cinco anos, mas podemos explicar como homens, mulheres e pessoas intersexo são diferentes umas das outras.

“A natureza tem muita diversidade e temos que reconhecer isso”

*Anne Fausto-Sterling é uma das mais destacadas biólogas e especialistas em gênero do mundo, professora emérita da Universidade Brown e pesquisadora da Associação Americana para o Avanço Científico. Ela é autora de cinco livros no tema, publicados em diversos idiomas.*

Nana Queiroz

**[Acesse no site de origem: “Não é só o gênero que é socialmente construído, o sexo biológico também”, afirma pesquisadora \(Revista AzMina, 02/05/2016\)](#)**